

**WERKEMA, ANDRÉA SIRIHAL; ROCHA, JOÃO
CEZAR DE CASTRO (ORGS.). ATUALIDADE DE
MACHADO DE ASSIS: LEITURAS CRÍTICAS.
SÃO PAULO: NANKIN, 2021.**

Benito Benito Petraglia¹

Mais uma antologia sobre Machado de Assis, mais um grupo de estudos machadianos. Antologia: *Atualidade de Machado de Assis: leituras críticas*; grupo de estudos: I Encontro Recepção Contemporânea de Machado de Assis: 180 anos. Tal ordem de coisas já supõe a ideia de uma empresa que espera perdurar. E os próprios organizadores, na apresentação da obra, tratam de confirmar: “lançamos um projeto de largo alcance” (p. 9).

Começando pelo título, o termo “atualidade” evidencia uma ambivalência a respeito da qual não é possível determinar se houve ou não propósito. Pois “atualidade” pode referir-se tanto às interpretações atuais de Machado quanto à validade de sua obra como perene recurso de compreensão do mundo. Os textos reunidos no livro respondem “sim” aos dois sentidos: é possível, sim, ler a obra do escritor de diferentes modos e seu prazo de validade está, sim, longe de se esgotar – é remédio sem médico, atemporal e universal.

São 14 artigos. Abordam os vários gêneros praticados pelo autor: quatro sobre o romance, três sobre a poesia, dois sobre o conto, dois sobre a crônica. Os três restantes abordam temas fora do âmbito estrito do texto

¹ Graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado em letras pela Universidade Federal Fluminense: <benitop@id.uff.br>.

literário: um sobre uma provável virada de interesse de Machado por um certo “pan-americanismo” em detrimento dos modelos vindos da França; outro sobre sua recepção nos países da América Latina; e o último sobre a publicação de sua obra nos periódicos de todo o país.

Natural que o espaço de uma resenha só permita ao resenhista comentar alguns poucos artigos. Natural também, por consequência, que a escolha desses artigos obedeça a um critério subjetivo.

“Uma leitura da poesia de Machado de Assis”, de Claudio Murilo Leal, nos pega pela simplicidade que ilumina e esclarece. É o único texto do conjunto que não lista ao final as “Referências bibliográficas”.

Com um ar de conversa sedutora, apresenta e analisa seis poemas. Desses, quatro são retirados da melhor coletânea de Machado – *Ocidentais*, anexadas às *Poesias completas*, de 1901. Correspondem à chamada segunda fase ou fase da maturidade do autor. São vistos como, na poesia, o equivalente a *Memórias póstumas de Brás Cubas* no romance e *Papéis avulsos* no conto.

“Círculo vicioso”, “No alto”, “Suave Mari magno” e “Uma criatura” estão entre seus poemas mais citados. Tanto quanto “A Carolina” e bem mais que “Musa consolatrix” (excerto), que abre o livro *Crisálidas*, publicado em 1864. Mas, como disse, esse ar de conversa sedutora fisga o leitor e o convida a ler. Mesmo o leitor não afeito à poesia, mesmo o iniciado em Machado e que participa de um certo consenso de que aquele não é seu gênero “forte”.

Já “Virginius e os direitos humanos”, de Regina Zilberman, confirma outro consenso: o que converge para a ideia de que a obra de Machado é aberta a versões, para empregar um termo do já saudoso Alfredo Bosi, a cuja memória, aliás, o livro é dedicado. Ou seja, é porosa a interpretação, mobiliza outras áreas do conhecimento que não apenas a ciência literária. No caso de “Virginius”, a História, o Direito, a Ciência Política.

“Virginius: narrativa de um advogado” foi publicado nas edições de julho e agosto de 1864 do *Jornal das Famílias*. Foi esse simples e não muito divulgado conto que deu pasto ao artigo... Não, retiro “artigo”. Ao texto, que bem poderia constituir um livrinho de umas cem páginas. E não haveria, como não há, nenhuma sobra, nenhum excesso. Os comentários todos são pertinentes à temática do conto.

“Virginius”, “Mariana”, “O caso da vara” e “Pai contra mãe” são as histórias curtas que fazem referência explícita ao escravismo. Em relação a “Virginius”, Machado teria tentado atrair a atenção dos leitores,

despertando neles o sentimento de compaixão pela sorte dos personagens escravizados ou livres e pobres numa sociedade escravista. Dos três princípios que conformam os direitos humanos – liberdade, igualdade e fraternidade –, o último é o que seria visado pelo autor. A emoção literária seria mais competente do que a razão em sensibilizar os leitores. Deixemos a professora Regina Zilberman falar:

É ao encorajar a compaixão de leitores e leitoras pela sorte de personagens que a literatura ocupa um lugar específico na pauta dos direitos humanos. [...] preleções filosóficas talvez não tenham a mesma eficácia que a identificação da audiência com o sofrimento das figuras ficcionais (p. 273).

Mas, se é assim, por que Machado não o aproveitou em uma de suas coletâneas, *Contos fluminenses*, por exemplo? Para a professora Regina, ele teria percebido que “cruzava uma linha de conteúdo controverso” (p. 274). Ou, talvez, digo eu, em leitura posterior, ao sentir uns ressaibos de melodrama, percebera que umas pitadas a mais de açúcar lhe tivessem pesado a mão? Melodrama que ele próprio também reconheceu, dando o nome de “romanesco”, no romance *Helena*, de 1876, como escreveu na advertência à segunda edição: “não me culpeis pelo que lhe achardes de romanesco” (ASSIS, 1905, p. 2).

Não é, porém, o que pensa o professor de Teoria literária da Universidade Federal do Ceará, Eduardo Luz, no mais surpreendente dos artigos do livro: “*Helena*: proposta para um modelo machadiano de leitura”. Surpreende porque é uma interpretação insólita, não correspondente ao que se vem dizendo e escrevendo sobre esse romance ao longo do tempo.

Segundo Eduardo Luz, Machado, em seu processo de emular renovando obras e gêneros passadistas, teria canalizado a “tragédia grega para o romance burguês” (p. 47). Assim, *Helena* seria constituído pela fusão de três peças gregas: *Coéforas*, de Êsquilo; *Electra*, de Sófocles e *Electra*, de Eurípedes. A partir dessa fusão, seria estabelecida uma correspondência entre os personagens das peças e do romance: Agamêmnon e Salvador; Clitemnestra e Ângela da Soledade; Egisto e o Conselheiro Vale; Pílates e Mendonça. E Helena, a protagonista, exerceria a função vingadora de *Electra*.

Ele formula, com esses elementos, a seguinte tese: “*Helena* é uma história que se articula pelo senso de vingança da protagonista, derivado de tensões emocionais latentes, misteriosas, que ela nutre por seu pai biológico” (p. 41).

Referi, neste resumo, de maneira desconexa, os aspectos mais singulares e inauditos da análise, deixando ao leitor o prazer de ler-lhes a ligação e apreciar toda a concatenação da ideia. Ele poderá não concordar com a interpretação heterodoxa de Eduardo Luz, mas deverá reconhecer, como o resenhista, que há uma sólida lógica na articulação desses aspectos, ou seja, a combinação das partes forma um todo coerente.

Espero ter demonstrado que *Atualidade de Machado de Assis: leituras críticas* cumpre seu papel de antologia. Além de recolher as contribuições mais canônicas que consubstanciam a grandiosidade do escritor, acolhe leituras mais heterodoxas que certificam a permanência dela.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Advertência. In: *Helena*. Rio de Janeiro: H. Garner, 1905, p. 2.

Recebido: 31/5/2022

Aceito: 17/10/2022

Publicado: 28/2/2023